
A PÁSCOA ATRAVÉS DOS SÉCULOS

Emerson Cláudio Mildenberg¹

RESUMO

O presente artigo redigido com aproximadamente sete mil e oitocentos termos, percorre cerca de dois mil e seiscentos anos com a intenção de aclarar uma das principais festas judaicas, a saber: a Pessach. Esta festa, promove o “start” do calendário bíblico de Israel bem como enquadra todas as demais festas na Bíblia. Você, prezado leitor, irá compreender “en passant”, seu significado, sua importância e o processo ritualístico que envolvia toda a comunidade israelense. A Pessach, cita subjetivamente identidade, características, memória, e cultura do povo de Israel sobre sua saída do Egito por meio do livramento do D-us de Israel. Arqueologia, antropologia e historiadores debatem até hoje (pleno século XXI) a legitimidade deste acontecimento, que, por seu turno, foi estabelecido como um evento consagrado pelos judeus, bem como celebrado através dos séculos. A leitura deste conteúdo vai esclarecer sobre determinadas imprecisões da perspectiva histórica e ritualística sobre o cerimonial, comemoração e importância para o povo judeus sobre esta festividade. Longe que abarcar o todo (não é este o propósito), este documento pretende valorizar e moderar o entendimento sobre o sentido da páscoa.

Palavras-chave: Pessach; judeus; páscoa; ritual; história.

ABSTRACT

The present article written with approximately seven thousand and eight hundred terms, covers about two thousand and six hundred years with the intention of clarifying one of the main Jewish festivals, namely: Pesach. This feast promotes the "start" of Israel's biblical calendar as well as fits all other feasts in the Bible. You, dear reader, will understand “en passant”, its meaning, its importance and the ritualistic process that involved the entire Israeli community. Pesach subjectively cites the identity, characteristics, memory, and culture of the people of Israel about their departure from Egypt through the deliverance of the Gd of Israel. Archeology, anthropology and historians still debate the legitimacy of this event, which, in turn, was established as an event consecrated by the Jews, as well as celebrated through the centuries. The reading of this content will clarify certain inaccuracies of the historical and ritualistic perspective on the ceremonial, commemoration and importance for the Jewish people about this festivity. Far from covering the whole (this is not the purpose), this document intends to value and moderate the understanding of the meaning of Easter.

Keywords: Pesach; jews; easter; ritual; history

Enjoy!

¹ Professor e Coordenador de Teologia – UniFil – Londrina/PR

INTRODUÇÃO

Para o povo hebreu, Pessach significa a Festa da Liberdade pelo fato de se comemorar a fuga do Egito onde habitaram por quatro séculos pelo menos vivendo debaixo de muita opressão. O livro do Êxodo das Escrituras Sagradas, relatam este período e a intervenção de D-us em favor do Seu povo.

D-us prometeu uma Terra boa, conhecida por Terra Prometida e para alcançar esta promessa, havia entre a escravidão e a liberdade o Mar Vermelho, simbolizando esta passagem – de uma vida oprimida para uma vida de autonomia.

Desde então, o povo de Israel reúnem-se para celebrar a Pessach com elementos que trazem à memória novamente todo o processo que culminou na saída do Egito para a Terra Prometida.

Etimologicamente, Páscoa significa “passar sobre”, ou simplesmente “passagem”, “travessia”. Além de ser uma importantíssima comemoração que faz parte do calendário judaico, a Páscoa foi um evento que marcou extraordinariamente os judeus. De acordo com o relato escriturístico, a filha do Faraó do Egito (princesa Hatshepsutt, de acordo com especialistas egiptólogos) adotou Moisés, cujo qual, recebeu na idade adulta orientações do próprio D-us para libertar Seu povo da escravidão dos egípcios.

Diante da recusa do Faraó, Moisés como instrumento nas mãos de D-us apresenta sinais os quais sinalizavam a ira deste D-us sobre os egípcios. Isto se deu por meio das dez pragas.

A última das pragas (morte dos primogênitos) desmantelou a resistência de Faraó, o qual liberou o povo para que saísse de seus termos.

Portanto, até hoje, o fato é celebrado como um memorial incessante sobre a opressão vivida pelos antigos judeus e como foram libertados do domínio egípcio de abuso e violência.

Definição

Páscoa - Pessach (do hebraico פסח, ou seja, *passagem*);

Em hebraico – pesah (passagem - tem a ver com proteção {Is 31:5 – comparado a um escudo e livramento}. O Senhor é retratado passando pela terra e protegendo da ação do anjo todas as casas que tivessem o sangue na porta.

Em grego – paskha (passagem) – transição;

Em latim – pache (passagem) – transição;

É importante notar que Pessach significa a passagem, porém a passagem do anjo da morte, e não a passagem dos hebreus pelo Mar Vermelho ou outra passagem qualquer, apesar do nome evocar vários simbolismos.

Estabelecimento da páscoa

A chamada páscoa cristã foi estabelecida no Concílio de Nicéia, no ano de 325 de nossa era. Ao adotar a Páscoa como uma de suas festas, a Igreja Católica, inspirou-se primeiramente em motivos judaicos: a passagem pelo mar Vermelho, a viagem pelo deserto rumo à terra prometida, retirando a peregrinação ao Céu, o maná que exemplifica a Eucaristia, e muitos outros ritos, que aos poucos foram desaparecendo.

A maior parte das igrejas evangélicas, porém, comemora a morte e a ressurreição de Cristo através da Cerimônia da Santa Ceia. Na antiga Páscoa judaica, as famílias removiam de suas casas, todo o fermento e todo o pecado, antes da festa dos pães asmos. Da mesma forma, devem os cristãos confessar os seus pecados e deles arrepender-se, tirando o orgulho, a vaidade, inveja, rivalidades, ressentimentos, com a cerimônia do lava-pés, assim como Jesus fez com os discípulos. Jesus instituiu uma cerimônia memorial, a ceia, em substituição à comemoração festiva da páscoa. I Coríntios 11:24 a 26 relata o seguinte:

Jesus tomou o pão, e tendo dado graças o partiu e disse: Isto é o meu corpo que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no Meu sangue, fazei isto todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha.

Os símbolos da Páscoa

Nas últimas cinco décadas a humanidade se transformou. O capitalismo tomou conta do mundo e transformou tudo (ou quase tudo) em fonte de capital, de lucro, de consumo.

Assim as festas – a maior parte de caráter religioso - se tornaram ocasião de um consumo maior. Entre elas temos o Natal, Páscoa, dia das mães, dia dos pais e até o dia das crianças.

Com a profanização, esses eventos perderam seus sentidos originais, humanos, familiares e religiosos. Hoje a riqueza simbólica das celebrações muitas vezes não passa de coisas engraçadas, incomuns e sem sentido. Minha pretensão é simplesmente levar o ouvinte a entender pelo menos um pouco alguns dos símbolos que estão envolvidos na páscoa.

Os ovos de páscoa

Na antigüidade os egípcios e persas costumavam tingir ovos com cores da primavera e presentear os amigos. Para os povos antigos o ovo simbolizava o nascimento. Por isso, os persas acreditavam que a Terra nascera de um ovo gigante.

Os cristãos primitivos do oriente foram os primeiros a dar ovos coloridos na Páscoa simbolizando a ressurreição, o nascimento para uma nova vida. Nos países da Europa costumava-se escrever mensagens e datas nos ovos e doá-los aos amigos. Em outros, como na Alemanha, o costume era presentear as crianças. Na Armênia decoravam ovos ocos com figuras de Jesus, padroeiros e outras figuras religiosas.

Os ovos não eram comestíveis, como se conhece hoje. Era mais um presente original simbolizando a ressurreição como início de uma vida nova. A própria natureza, nestes países, renascia florida e verdejante após um rigoroso inverno.

Em alguns lugares as crianças montam seus próprios ninhos e acreditam que o coelhinho da Páscoa coloca seus ovinhos. Em outros, as crianças procuram os ovinhos escondidos pela casa, como acontece nos Estados Unidos.

Antigamente, o costume era enfeitar e pintar ovos de galinha, sem gema e clara, e recheá-los com amendoim revestido com açúcar e chocolate. Os ovos de Páscoa, como conhecemos hoje (de chocolate), era produto caro e pouco abundante.

De qualquer forma o ovo em si simboliza a vida imanente, oculta, misteriosa que está por desabrochar.

A Páscoa é a festa magna da cristandade e por ela celebramos a ressurreição de Jesus, sua vitória, sua morte e a esperança (Rm 6.9). É a festa da nova vida, a vida em Cristo ressuscitado. Por Cristo somos participantes dessa nova vida (Rm 6.5).

O chocolate

Como surgiu o chocolate?

Os gregos davam ao chocolate o nome de "Theo broma". "Theo broma cacao" é seu nome científico, batizado pelo botânico sueco Lineu, em 1753.

Essa história tem seu início com as civilizações dos Maias e Astecas, que consideravam o chocolate como algo sagrado, tal qual o ouro. Os astecas usavam-no como moeda.

Na Europa aparece a partir do século XVI, tornando-se popular rapidamente. Era uma mistura de sementes de cacau torradas e trituradas, depois juntada com água, mel e farinha. O chocolate, na história, foi consumido como bebida. Era considerado como alimento afrodisíaco e dava vigor. Por isso, era reservado, em muitos lugares, aos governantes e soldados. Os bombons e ovos, como conhecemos, surgiram no século XX.

Pão e vinho

5

O pão e o vinho, sobretudo na antiguidade, foram à comida e bebida mais comum para muitos povos. Cristo ao instituir a eucaristia se serviu dos alimentos mais comuns para simbolizar sua presença constante entre e nas pessoas de boa vontade. Assim, o pão e o vinho simbolizam essa aliança eterna do Criador com a sua criatura e sua presença no meio de nós.

Páscoa na Bíblia - Êxodo 12

Quando Ramsés II (Seti I /Merneptah) rei do Egito, subiu ao trono, apavorou-se com o crescimento do povo de Israel, achando que esse crescimento colocava em risco o seu poder. Essa preocupação, deu início a uma série de ordens e obras levaram os judeus a um período de grande sofrimento.

De acordo com o relato bíblico, a festa da Páscoa foi instituída em associação com a décima praga, mas isso não significa que ela não se originou de algum tipo de festival já existente. Muitos elementos do ritual da páscoa sugerem que ela possa ter sido adaptada de algum ritual nômade que visava proteger os pastores dos ataques demoníacos e assegurar a

fertilidade dos rebanhos. Além disso, através da história, sabe-se que povos pagãos tinham o costume de homenagear divindades pagãs. Deuses e deusas da fertilidade eram cultuados antes mesmo de Êxodo 12 entre essas nações, com rituais comemorativos pela mudança das estações simbolizando nova vida, fertilidade e renascimento da terra. Se de fato isso ocorreu, seria algo semelhante à substituição que os cristãos da Europa Ocidental fizeram com o Natal, colocando-o no lugar de seus festivais pagãos, mantendo a presença de alguns símbolos.

Calendário

Esse evento estabeleceu abibe (mais tarde chamado nisã), como primeiro mês do calendário religioso de Israel. O calendário israelita era lunar, com ajustes periódicos em relação ao ano solar. Corresponde os meses de março e abril (abarcando a última quinzena do primeiro e a primeira quinzena do segundo).

Sacrificado ao pôr-do-sol

No calendário civil egípcio, cada mês tinha trinta dias, divididos em três períodos de dez dias; a décima praga e a celebração da páscoa ocorreram na véspera do que os egípcios chamavam de “dia da metade do mês”. Pelo cálculo lunar, o mês começava com a lua cheia e a festa ocorreu nesse período.

Função do sangue

Nas religiões primitivas, o sangue geralmente era usado como proteção contra os poderes do mal, enquanto que no ritual israelita o sangue servia como elemento de purificação. Embora os israelitas conservassem alguns elementos primitivos em sua religião e prática religiosa e acreditassem de maneira supersticiosa, que o sangue tivesse um caráter de proteção, não era essa a função pretendida. Os umbrais das portas das casas na Mesopotâmia eram freqüentemente pintados de vermelho porque havia a crença de que essa cor afastava os demônios.

Cardápio

O cardápio da refeição da páscoa era bastante comum nas comunidades nômades de pastores. A proibição do **fermento**, segundo a literatura rabínica posterior e no NT, é porque esta associada a “impureza” ou “sujeira”. As **ervas amargas** (alface, chicória, eríngio, raiz forte e serralha) na literatura rabínica posterior estão associadas ao sofrimento que os hebreus tiveram em todo o tempo em que estiveram no Egito. A carne do **cordeiro** também fazia parte do cardápio para essa festividade. Essa carne não poderia ser comida em outro momento e deveria ser eliminada da forma adequada. O cordeiro deveria ser assado inteiro dentro da casa.

Festival egípcio da realeza

Pode haver uma referência aqui ao famoso festival egípcio Sed, que representava a renovação da autoridade real. A celebração era planejada para que todos os deuses confirmassem a autoridade real do faraó, enquanto aqui como resultado das pragas, todos os deuses devem reconhecer a realização de Jeová não com uma nova coroação, mas através do reconhecimento do seu poder eterno. No festival Sed, o rei afirmava seu domínio passando por toda a terra (simbolicamente) da forma que desejasse. Nesse incidente, a majestade de faraó é ridicularizada enquanto a de Jeová é confirmada, à medida que Deus vai passando pela terra para firmar sua autoridade por meio da praga.

Festa do pão sem fermento

Essa festa é celebrada durante os sete dias da páscoa. Como uma comemoração da saída do Egito, essa festa representa a pressa dos israelitas que não puderam esperar o pão crescer, tendo de assá-lo sem fermento. Essa festa coincidia com a colheita da cevada, que marcava o início da época da colheita. Nesse contexto, o pão sem fermento significa um novo começo e os primeiros frutos da colheita da cevada são comidos sem esperar a fermentação.

Hissopo – uma planta aromática que passou a ser associada à purificação provavelmente devido a seu uso em rituais como esses.

Destruidor – na Mesopotâmia, o demônio Lamastu (feminino) era considerado o responsável pela morte das crianças; Mantaru (masculino) era considerado o responsável pela morte dos adultos e responsável pela praga.

Primogênito – a dedicação dos mesmos ao Senhor em Israel, era um forma de reconhecer que o Senhor era o provedor da vida, da fertilidade e da prosperidade. Com esse incidente, Deus reafirma Sua divindade e poder de ser reconhecido como o responsável pela vida no Egito, papel esse atribuído ao faraó. Na seqüência são os levitas que substituem os primogênitos.

Número dos israelitas

Essa é uma questão problemática; se fossem de fato mais de dois milhões de israelitas, eis aí algumas considerações:

- Uma fila de mais de 300 km;
- Quando familiares e animais caminhavam juntos, havia condições de andar 10 km no máximo por dia (uma pessoa sozinha viajava 30 km p/dia);
- A metade iria morrer e a arqueologia encontraria os fósseis;
- O entendimento mais plausível é que “mil” deve ser compreendido como “tropa”, ou seja, 600.000 tropas militares;

Data do Êxodo

Algo muito difícil de ser entendido; a septuaginta, o apóstolo Paulo (Gl 3:17) e a tradução rabínica contam os 430 anos a partir do tempo da promessa feita a Abraão, incluindo também a peregrinação em Canaã antes do Egito.

Leis sobre a participação na páscoa

Três regras adicionais:

- Participaria somente quem fosse circuncidado; era restrita a comunidade de Israel;
- Nenhum pedaço de carne poderia ser comido fora da casa;
- Nenhum osso poderia ser quebrado;

A Páscoa Judaica/Páscoa no AT

A Páscoa judaica é marcada, sobretudo pela refeição (Seder) pascal, que é feita em família. Além do jantar em família, eram celebrados ritos no templo, incluindo o sacrifício do cordeiro, hoje não se celebram mais esses ritos, mas há leituras nas sinagogas.

No jantar da Páscoa há alguns elementos importantes como o cordeiro assado, pães asmos, ervas amargas, ervas doces e o molho doce com cor de tijolo. Na época do templo o cordeiro pascal era sacrificado no próprio templo, porém com sua destruição isso não foi mais possível, mas ficou a lembrança. Pois, na bandeja da páscoa sobre a mesa do Seder, deve ter um osso grelhado, para lembrar do cordeiro e um ovo, para lembrar as oferendas festivas que acompanhavam os sacrifícios. Há especulações que os ovos da páscoa que muitos cristãos aceitam tenham se originado dessa tradição.

O jantar da Páscoa tem um caráter eminentemente didático. Ele ensina às gerações mais novas a torah oral, pois o filho mais novo pergunta o sentido de cada elemento e o pai ou oficiante responde com base nos textos da torah, conforme ensinou Hillel e Gamaliel. O rabino Gamaliel dizia: Quem não explicou os três elementos que acompanham a Páscoa não cumpriu com sua obrigação. Essa explicação se dá no Seder como resposta às perguntas do filho menor.

O Cordeiro Pascal (pesah) é o sacrifício da páscoa de Jeová que passou as casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e livrou as casas dos hebreus (Ex 12.27).

O Pão asmo (matsah) simboliza a falta de tempo de fermentar a massa do pão na saída do Egito. "E cozeram bolos ázimos da massa que levaram do Egito, porque ela não tinha levedado, porquanto foram lançados do Egito; e não puderam deter-se, nem haviam preparado comida." (Ex 12.39).

As Ervas Amargas (maror) têm seu lugar porque os egípcios tornaram a vida dos israelitas amarga com o sofrimento da escravidão. "Assim lhes amargurava a vida com pesados serviços em barro e em tijolos, e com toda sorte de trabalho no campo, enfim com

todo o seu serviço, em que os faziam servir com dureza (Ex 1.14)". Hillel introduz ainda o molho doce, cor de tijolo, lembrando a produção de seu trabalho, no qual é embebida a erva amarga para comer, pois a amargura da servidão se tornou em doçura, graças à salvação. Esse também será o sentido das ervas doces.

O aspecto didático da Páscoa é prescrito em Ex 12.25-26. Há no Midrasch a apresentação de quatro filhos, que representam quatro posturas diante da cerimônia.

- O sensato, que quer aprender o sentido da Páscoa, por compreender ser ordenança de Deus;
- O insensato, que não se compreende como parte da comunidade pascal, se excluindo de sua própria origem;
- O ingênuo, que desconhece o sentido e é esclarecido;
- O que não sabe fazer pergunta a este é explicado por iniciativa do pai.

A Páscoa judaica é assim, rica em sentidos, pois representa uma atualização da libertação de Deus da escravidão egípcia, com uma oportunidade de ensino doméstico da torah, mantendo as gerações participantes da ação libertadora de Deus na história.

10

A celebração da Páscoa reunia três realidades distintas:

1. **Uma realidade do passado:** o acontecimento histórico da libertação do Egito quando Israel tornou-se o povo de Deus;
2. **Uma realidade do presente:** a memória ritual (celebração) do fato passado levava o israelita a ter consciência de ser um ‘libertado’ de Deus, não somente os antepassados, mas o sujeito de hoje (Dt 5.4);
3. **Uma realidade futura:** a libertação do Egito era símbolo de uma futura e definitiva libertação do povo de toda a escravidão. Libertação esta que seria a nova Páscoa, marcando o fim de uma situação de pecado e o começo de uma nova era.

Celebração da Pessach na época do Segundo Templo

A cidade de Jerusalém se preparava de uma maneira notável para receber os peregrinos. As estradas eram reformadas e poços limpos e reestabelecidos para garantir um “plus” para os visitantes. A população de Jerusalém, nesta época, de cinquenta mil habitantes,

chegava a três milhões de pessoas. Os peregrinos, normalmente se hospedavam em cidades vizinhas, acampamentos ou em casa de conhecidos. No mês de Abib, no dia quatorze, pela manhã, o alimento fermentado (chametz) era removido e os sacerdotes do Templo iniciavam os preparativos para o Pessach.

O trabalho no comércio finalizava ao meio dia e iniciavam-se os sacrifícios às quinze horas. As ofertas do Pessach eram constituídas de cabritos ou cordeiros, sendo machos de um ano de idade e, quando abatidos pela família (era permitido um cordeiro por família) em qualquer lugar no pátio do Templo. O shochet efetuava o abate e o sangue era recolhido pelos cohanim em vasilhas de ouro e prata, que passavam de um para o outro até o próximo cohen cujo qual, ficava próximo ao altar, que, por seu turno, derramava o sangue na base deste altar. A vasilha vazia retornava para um novo uso. Essas vasilhas não podiam possuir fundo plano para evitar a coagulação do sangue. Ato contínuo, o animal era pendurado e esfolado, e partido, tinha suas entranhas limpas de todo e qualquer excremento. A gordura das vísceras, o lóbulo do fígado com os rins e com a gordura sobre estes e a cauda até as costelas, eram removidos e colocados em outra vasilha, depois, salgados e queimados sobre o altar como cumprimento da oferta.

11

Três grupos eram responsáveis pelas oferendas de Pessach; cada qual com trinta homens no mínimo. O primeiro grupo entrava quando o pátio do Templo estivesse cheio de pessoas e os portões de acesso, eram fechados. Os levitas ressoavam o Halel, e repetiam-no até que houvessem sacrificado todos os animais que estavam ali para serem imolados. Cada vez que o Halel era tocado os cohanim sopravam três toques de shofar – Tekiá, Teruá e Tekiá. Após a oferta totalmente queimada em todas as suas partes do animal, os portões eram abertos novamente para que o primeiro grupo saísse e para que o segundo grupo entrava e, o processo era iniciado novamente.

Conseqüentemente, desta mesma maneira sucedia com o terceiro grupo. Depois que todos os grupos participavam das oferendas e todos saíssem, lavava-se de toda a sujeira que ficava acumulada no local. Um canal de água atravessava o pátio do Templo e havia um lugar por onde essa água saía. Quanto ao piso, deixava que a água transbordasse inundando o ambiente e, depois, a água suja era liberada e o chão ficava totalmente limpo.

Após o sacrifício, as famílias levavam o animal do sacrifício para assar e conseqüentemente, cearem todos juntos em uma grande celebração. Todos se vestiam de branco

e desta forma, este ritual seguia os princípios do sêder de Pessach (atualmente), com exceção da inclusão do cordeiro pascal. Depois da ceia e da celebração em família, muitos iam para as ruas para continuar festejando enquanto outros iam para o Templo que abria suas portas à meia noite.

Um fato muito importante de ser registrado é que depois da destruição do segundo Templo, ficou impraticável de haver um ponto de reunião e sacrifícios de cordeiros, ficaram impraticável. A transformação de Pessach passa então para noites de lembranças sem sacrifício pascal.

A Pessach após os danos sofridos no Segundo Templo

Sendo uma festa central do Judaísmo, a Pessach, serve como uma ligação entre o povo judeu e sua história. Antes da festa de Pessach, os judeus tiram todos os alimentos fermentados (chametz) de suas casas e os queimam. Durante a Pessach, não pode ficar com chametz dentro de seus lares. Recipientes que guardam e servem os chametz são escondidos, e outros, são mantidos e até mesmo utilizados para cozinhar, mas antes, são purificados com fogo e comidas frias passam pela água. Era proibido qualquer tipo de trabalho depois do meio dia de quatorze de Nissan, ainda que um judeu pudesse permitir que um não judeu (goy) realizasse qualquer trabalho.

12

Antes de tudo, a festa de Pessach é uma festa familiar sendo que nas primeiras duas noites é realizado um jantar especial chamado de Sêder de Pessach. Somente judeus e gentios convertidos ao judaísmo, tinham permissão para participar da refeição. Neste Sêder, a história do Êxodo do Egito é narrada fazendo-se as leituras das bênçãos e explanadas da Hagadá, parábolas e canções judaicas. A refeição é composta de pães asmos e ervas amargas e todos vestem “roupas de sair”, para lembrarem da pressa em sair do Egito.

O Seder de Pessach

A cada geração, cada ser humano deve se ver como se ele pessoalmente tivesse saído do Egito. Pois está escrito: "Você deverá contar aos seus filhos, neste dia, "Deus fez estes milagres para mim, quando eu saí do Egito..."

Esta é a ordem a ser seguida no Seder de Pessach:

- **Kadesh** (קדש - *santificação*) - Recitação do kidush e a ingestão do primeiro copo de vinho.
- **Urchatz** (ורחץ - *lavagem*) - Lavagem de mãos.
- **Karpas** (כרפס) - Mergulha-se *karpas* (batata, ou outro vegetal), em água salgada. Recita-se a bênção e a *karpas* é comida em lembrança às lágrimas do sofrimento do povo de Israel .
- **Yachatz** (יחץ - *divisão da matzá*) - A *matzá* é partida ao meio e embrulha-se o pedaço maior e separando-o de lado para o *Afikoman* .
- **Maguid** (מגיד - *conto*) - Conta-se a história do êxodo do Egito e sobre a instituição de Pessach. Inclui a recitação das "Quatro perguntas" e bebe-se o segundo copo de vinho.
- **Rachatzá** (רחצה - *lavagem*) - Segunda lavagem de mãos.
- **Motzi Matzá** (מוציא מצה)- O chefe da casa ergue os três pedaços de *matzá* e faz as bênçãos das *matzot* .As *matzot* são partidas e distribuídas.
- **Maror** (מרור - *raiz forte*) - São comidas as raízes fortes relembrando a escravidão e o sofrimento dos judeus no Egito.
- **Korech** (כורך - *sanduíche*) - Faz-se um sanduíche com a *matzá*, *maror* e *charosset*.
- **Shulchan Orech** (שולחן עורך)- É realizada a refeição festiva.
- **Tzafon** (צפון - *escondido*) - Aqui é comida a *matzá* que havia sido guardada.
- **Barech** (ברך - *Bircat HaMazon*) - É recitada a bênção após as refeições. Bebe-se o terceiro copo de vinho.
- **Halel** (הלל - *louvor*) - Salmos e cânticos são recitados. Bebe-se o quarto copo de vinho.
- **Nirtza** (נירצה - *ser aceito*) - Alguns cânticos são entoados e têm-se o costume de finalizar o jantar com os votos de *LeShaná HaBa'á B'Yerushalaim* - "Ano que vem em Jerusalém" como afirmação de confiança na redenção final do povo judeu.

Chag Matzot (festa dos pães asmos)

Matzá, pão sem fermento utilizado na comemoração de Pessach.

Chag Matzot - é o nome dado ao sete dias de comemoração após Pessach. De acordo com a Torá é proibido ingerir *chametz* durante este período.

Sete dias você comerá matzot, mas no primeiro dia manterá a levedura fora de sua casa; porque aquele que comer pão fermentado será cortado do povo de Israel.

O primeiro dia será uma festa, e o sétimo dia será uma festa; nenhuma forma de trabalho será feita, exceto o trabalho que gera alimentação.

Observe este dia de uma geração em geração para sempre. No décimo quarto dia do primeiro mês ao por do sol comerás pão sem levedura, até o vigésimo primeiro dia do mês à noite. (Êxodo, 12: 14-18)

E Moisés disse ao povo: Lembre-se deste dia no qual saiu do Egito, da escravidão; pois por força de sua mão, Deus te tirou daquele lugar, e nenhum pão fermentado será comido. Você está se libertando neste dia do mês de Abib. Assim, quando Deus o levar para a terra dos Canaanitas, dos Hititas, dos Amoritas, dos Hivitas, e dos Jebuseus, que Ele jurou a seus pais lhes dar, uma terra onde flui o leite e o mel, você manterá este serviço neste mês. Sete dias você comerá pão sem levedura, e no sétimo dia será uma festa de homenagem a D'us. (Êxodo 12, 3-6).

14

CONSIDERAÇÕES RELEVANTES

- ✓ É costume se estudar as leis referentes a Pessach trinta dias antes da festividade.
- ✓ Em Israel, é fornecida farinha e outras necessidades aos pobres para que nada lhes falte em Pessach. O recurso para que estas providencias fossem realizadas, tinham origem de impostos à comunidade.
- ✓ Na véspera do Seder, primogênitos deviam jejuar para trazer a memória a salvação dos primogenitos das pragas do Egito. Nas sinagogas, havia um costume chamado Sium Massechet (a finalização de estudo de uma Guemara) onde o primogênito que estivesse presente e presenciasse o Sium não era necessário realizar o jejum.
- ✓ Há uma classe de judeus, os caraítas, cujos quais, tutoram sobre a palavra Pessach, seja utilizada apenas quando se reportasse ao sacrifício e não à festividade de Cahg haMatzot.

- ✓ Já para Samaritanos, que resguardam a santidade do monte Gerizim, subsistem realizando sacrifícios pertinentes à Pessach hoje em dia.
- ✓ Do ponto de vista econômico, não podia lançar fora chametz, tais como bebidas alcoólicas e cereais de valor alto, portanto, havia uma forma tradicional de vender os chametz conhecido como Shetar harshaá.

A Páscoa no NT - páscoa em nossos dias

A Páscoa e o Pessach são eventos diferentes que não devem ser confundidos. A Páscoa é a festa instituída em lembrança da morte dos primogênitos do Egito e da libertação dos Israelitas. O seu nome deriva de uma palavra hebraica que significa a passagem do anjo exterminador, sendo poupadas as habitações dos israelitas, cujas portas tinham sido aspergidas com o sangue do cordeiro pascal (Ex.12:11-27). Chama-se a "pascoa do Senhor", a "festa dos pães asmos" (Lv.23:6,Lc.22:1), os dias dos "pães asmos" (At.12:3,20:6). A palavra Páscoa é aplicada não somente à festa no seu todo, mas também ao cordeiro pascal, e à refeição preparada para essa ocasião solene (Lc.22:7/1Co.5:7/Mt.26:18-19/Hb.11:28).

15

Segundo o Novo Testamento, Cristo é o sacrifício da Páscoa. Isso pode ser visto como uma profecia de João Batista, no Evangelho de São João: "Eis o Cordeiro de Deus, Aquele que tira o pecado do mundo" (**João, 1:29**) e uma constatação de Paulo "Purificai-vos do velho fermento, para que sejais massa nova, porque sois pães ázimos, porquanto Cristo, nossa Páscoa, foi imolado." (**1Co 5:7**).

Jesus Cristo, desse modo, é tido pelos cristãos como o Cordeiro de Deus que foi imolado para salvação e libertação de todos do pecado. Para isso Deus teria designado sua morte exatamente no dia da Páscoa judaica para criar o paralelo entre a aliança antiga, no sangue do cordeiro imolado, e a nova aliança, no sangue do próprio Jesus imolado.

Como, segundo a tradição cristã sustentada no Novo Testamento, Jesus ressuscitou num Domingo, surgiu a prática de algumas igrejas se reunirem aos domingos, e não aos sábados, como fazem os judeus (*sabbath*).

Jesus fora morto após o pôr-do-sol ou o início do dia 14 do calendário judeu. Portanto, nesta data, celebram a morte de Jesus como sacrifício propiciatório a favor da humanidade, não observando os demais costumes "devido à sua origem não cristã".

Tanto para judeus como para cristãos, a páscoa é considerada a festa da “libertação”.

Jesus Cristo deu novo significado à Páscoa. Ele trouxe a “boa-nova”, esperança de uma vida melhor, trouxe a receita para que o povo se libertasse dos sofrimentos e das maldades praticadas naquela época. A morte de Jesus Cristo representa o fim dos tormentos. A sua ressurreição simboliza o início de uma vida nova, iluminada e regrada pelos preceitos de Deus. O domingo de Páscoa marca a passagem da morte para a vida, das trevas para a luz. Hoje, o domingo de Páscoa representa uma oportunidade de fazermos uma retrospectiva em nossas vidas, e estabelecermos um ponto de recomeço, de sermos melhores, de sairmos do "Egito".

Fica uma questão central: Qual o seu verdadeiro significado religioso e político da Páscoa para hoje ?

Quando partimos destes pressupostos teológicos, podemos afirmar que:

1. A Páscoa tem o sentido de libertação. O maior ato de injustiça é a forma com que um ser humano subjuga o seu semelhante, através da escravidão. Hoje existem várias formas de escravidão: o salário mínimo, a obscuridade dos gastos públicos, bem como prestações de contas duvidosas, a corrupção e impunidade nos altos escalões do Governo, a ganância pelos juros dos empresários sonegadores e corruptos, etc. Diante da falta de responsabilidade social dos líderes judeus de sua época, Jesus afirmou: "Em verdade vos digo que, quando o fizestes (injustiça social) a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" Mat.25:40. E o destino destes que escravizam é o "fogo eterno". Mas aos pequeninos, disse Jesus: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará." João 8:32

2. A Páscoa tem o sentido de ressurreição. Jesus disse que ele mesmo é a ressurreição e a vida (João 11:25). A ressurreição hoje é a possibilidade do operariado sair de seu flagelo social e ter uma condição digna de sobrevivência e quando as distribuições de riquezas são mais justas. Se nós pudéssemos reduzir a população do mundo inteiro a uma aldeia de 100 pessoas, mantendo as proporções de todos os povos existentes no mundo, esta aldeia seria composta desta forma: 57 asiáticas; 21 europeus; 14 americanos (América do Norte e Sul); 8 Africanos, 52 mulheres; 48 homens; 70 não seriam brancos; 30 seriam brancos; 70 não seriam cristãos, 30 seriam cristãos, 59% da riqueza no mundo seria possuída por 6 pessoas e todas

elas seriam norte-americanas; 80 morariam em casas sem nenhuma condição de habitação, 50 sofreriam de desnutrição, 1 estaria para morrer, 1 estaria para nascer, 1 possuiria um computador, 1 teria concluído o curso superior. Para e pense sobre isto.

3. A Páscoa tem sentido de renovação. A Páscoa não é uma liturgia fúnebre, mas a Celebração da Vida e da Esperança Cristã. Jesus veio ao mundo para que tivéssemos vida e vida em abundância (João 10:10), bem como vida eterna (João 3:16) "Se alguém está em Cristo, uma nova Criatura é, as coisas velhas já passaram e eis que tudo se fez novo" (II Cor. 5:15). Renovação hoje, significa condições mínimas de educação, saúde, trabalho e habitação.

A bem da verdade, tanto para uma quanto para outra tradição, a páscoa tem a sua origem na certeza da "passagem". Para os judeus, foi a grande vitória sobre a escravidão no Egito sob a liderança de Moisés e para os cristãos foi a passagem para uma nova vida através de Cristo, o cordeiro pascal. Isso não termina aí, ou seja, possibilitados pelo Espírito Santo de Deus, através de Cristo, veio a salvação eterna a todos os cristãos.

17

Páscoa substituída?

A cerimônia da Santa-Ceia, que Jesus instituiu, veio substituir a cerimônia da Páscoa e traz muitos significados:

1 - **O Lava-Pés** significa a humilhação de Cristo. Mostra a necessidade de purificar a nossa vida. Não é a purificação dos pés (essa cerimônia era tradição nos tempos antigos – **Lc 7:36 – 50**), mas de todo o ser, todo o nosso coração. Reconciliação com Deus, com o nosso próximo e conosco mesmo - união - não somos mais do que ninguém. O maior é aquele que serve...

2 - **A Ceia** significa a libertação do pecado através do sacrifício de Cristo. Significa também estar em comunhão com Ele. E, sobretudo é um antegozo dos salvos, pois Jesus disse: "*Não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber convosco no reino do meu Pai.* (Mt 26:29)

CONCLUSÃO

Para nós, os cristãos, o centro de nossa fé será sempre Cristo que morreu e ressuscitou para nos mostrar que o Reino de Deus pregado por Ele está presente e vivo entre nós. A

utopia de um mundo melhor, de paz e solidariedade é possível e é esse Reino. A vida, a morte e a ressurreição de Jesus são a concretização dessa utopia (Lc 17.21; Lc 21.28-33).

Elucidário

Shochet – carne

Goy - nação/povo gentio

Sed – principal elemento de uma cerimônia/ritual que se celebrava durante a festa do faraó (jubileu real) determinada como ereção da coluna.

Cohanim – sacerdote

Sêder - refeição

Cohen – sacerdote

Hagadá - narrativa

Halel – cânticos de louvor a Deus

Guemará – perfeito/complemento

Midrasch – comentário rabínico da torah

Shetar Harshaá – processo simbólico de venda do chametz (material impuro), derivado de cereais do qual o judeu deve se livrar antes do Pessach.

18

REFERÊNCIAS

A VERDADE sobre a páscoa. 2021. Disponível no site: <https://www.adnj.org.br/a-verdade-sobre-a-pascoa>. Acesso em: 8 fev. 2023.

BÍBLIA de estudo de Genebra. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

DOUGLAS, J. D. **O novo dicionário da bíblia**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1998. p. 1574

ENCICLOPÉDIA da páscoa judaica-messiânica. Disponível em: <https://cafetorah.com/>. Acesso em: 28 jan. 2023.

FRIDLIN, Jairo. **Hagadá de Pessach**. São Paulo: Editora & Livraria Sêfer, 1993. p.126

HISTÓRICO do CIP. Disponível em: <http://www.kehila.com.br/entidades/cip/historico.htm>. Acesso em: 8 fev. 2023.